

★ A NECESSIDADE DA ARTE UM QUESTIONAMENTO A UMA SOCIEDADE SEM EQUILÍBRIO.

Victor Moura Silva e Márcia Cristina Polacchini de Oliveira

Victor Moura Silva (Victor Rigonatti). Formado em Licenciatura em teatro e pós-graduado em dança contemporânea na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo IPP- Portugal. Foi professor das graduações em Teatro e Artes Visuais no Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro, instituição onde se graduou. Premiado como melhor pesquisador e orientador acadêmico sobre os temas Dança-teatro/ Teatro físico e a Necessidade da Arte.

Marcia Cristina Polacchini de Oliveira (Marcia Polacchini). Graduada em Artes Plásticas e Teatro. Doutora em Educação, Arte e História da Cultura. Coordenadora acadêmica e professora no Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro nos cursos de licenciatura em Teatro e Artes Visuais. Atriz profissional, diretora teatral e, pesquisadora com ênfase em: pedagogia do teatro, teatro educação, direção teatral, dramaturgia, expressões artísticas, criatividade, e interdisciplinaridade.

Resumo: As primeiras comprovações da existência humana são representadas por meio da arte, uma vez que na pré-história não havia registros escritos. As quatro linguagens artísticas têm seu nascimento no início dos tempos: a dança com movimentos das águas e dos ventos que moviam árvores e folhas, a música com som dos mesmos elementos, as artes visuais com as pinturas rupestres nas cavernas feitas pelo homoludens, que também com o teatro imitavam suas caças como um rito de sorte e sobrevivência, desenvolviam sua teatralidade que é inerente aos seres humanos. Essa presença artística acompanha o curso evolutivo de toda trajetória da humanidade, e permanece até a atualidade. Porém, a diferença reside no fato de que nos dias de hoje, os olhares não se voltam para se lembrar do quanto à arte nos amparou por mais de XXI séculos. Entretanto, poderá a sociedade contemporânea desconhecer todos os esforços feitos pela arte até agora? O ato de esquecer sua importância faz com o que o presente artigo queira discutir o estado atual do equilíbrio da sociedade brasileira, e as estruturas criadas para distorcer essa visão. Tal negação cria um fator paralelo que se desassocia um ao outro, e é neste mesmo ponto de abertura que serão questionados esses fatores. Entrará em desequilíbrio a sociedade que continuar a negar a arte como de total importância para o seu desenvolvimento?

Palavras chaves: arte; sociedade; indústria cultura; equilíbrio social

THE NEED FOR ART A QUESTIONING OF A SOCIETY WITHOUT BALANCE.

Abstract: Art represents the earliest evidence of human existence, as there were no written records during prehistory. The four artistic languages were born at the beginning of time: dance with movements of water and winds that moved trees and leaves, music with the sound of the same elements, visual arts with cave paintings in caves made by homoludens, who also with theater imitated their hunts as a rite of luck and survival, developed their theatricality that is inherent to human beings. This artistic presence accompanies the evolutionary trajectory of humanity and continues to this day. However, the difference lies in the fact that nowadays, people don't look back to remember how much art has supported us for more than 21 centuries. Moreover, could contemporary society be unaware of all the efforts made by art until now? The act of forgetting its importance makes this article want to discuss the current state of balance in Brazilian society, and the structures created to distort this vision. Such denial creates a parallel factor that disassociates itself from one another, and it is at this same opening point that these factors will be questioned. Will a society that continues to deny art as being of total importance for its development become unbalanced?

Keywords: Art, Society, Cultural Industry and Social Balance

Introdução

Uma vez que o ser humano por natureza aprecia a arte de alguma forma, é ousado dizer que existem aproximadamente 7,7 bilhões de apreciadores de arte no mundo e, assim como a tecnologia, a arte avança com o seu tempo, e se faz necessário desenvolver diálogos para discutir tal necessidade em uma sociedade e questionar se o equilíbrio dessa nação tem a funcionalidade de preservar as artes integradas em seus diversos ambientes, caso contrário o desequilíbrio terá a função de desvalorizar tal entidade filosófica e seu propósito perante a humanidade se esvai perdendo apoios. Entretanto, uma vez que a razão de ser arte nunca permanece inteiramente a mesma, ela se reinventa de acordo com os acontecimentos do presente e passado em prol de oferecer um rumo significativo ao futuro.

Como discutir a necessidade da arte e seu papel social na contemporaneidade brasileira, em que as obras estão cada vez mais se deslocando do seu público-alvo, e assim deixando seus objetivos de compreensão aos mesmos artistas que os produzem, essas tarefas de compreender os elementos comuns estruturais na arte se concentram no mesmo ciclo, tornando então um desafio conceitual de traçar novamente uma linha que tradicionalmente foi rompida entre a arte e a sociedade, é fato que as dificuldades estão ligadas diretamente quando tentamos equiparar a arte com o mesmo grau de importância que a medicina, ciência, magistério e as engenharias, quando uma sociedade certamente desequilibrada não consegue coligar a função da arte como necessária para a evolução do gênero humano.

Intenta-se nesta pesquisa esclarecer algumas estruturas da arte e sua função social, assim o texto foi escrito em um sistema de causas e efeitos, partindo de dois pontos de vista: O primeiro aborda a identificação do ser humano com as relações artísticas de liberdade e expressão, para o desen-

volvimento do indivíduo, equilibrando seu estado de convivência em sociedade. O segundo traz os efeitos disruptivos que desencadeiam os pontos de desequilíbrio social, que acontecem quando um sistema de indústria cultural inverte os sentidos da arte transformando-os em meros produtos de consumo para as grandes massas. Após apresentar uma situação hipotética do futuro, este artigo questiona e relaciona o que será da arte em virtude de uma sociedade que avança ao seu tempo, mas com outras urgências e necessidades.

Arte e o equilíbrio social

A origem da arte foi constituída em lirismo, tornando-se um dos principais meios de compreensão da natureza humana e seus antagonismos em prol de afirmar suas realidades. A poesia torna-se indispensável quando discutimos a necessidade da arte na contemporaneidade, e com isso exercemos uma analogia descrevendo-a como uma entidade filosófica, pois assim como a natureza a arte também demonstra suas forças por meio de seus elementos, produzindo seus próprios frutos, que neste caso os artistas, expressam suas visões de mundo por meio de suas obras, com um olhar sensível e poético, determinando a arte como um fenômeno natural intrínseco às sociedades. “A arte como meio de identificação do homem com a natureza (FISCHER, 1987 p. 253)”.

Apenas a arte é capaz de incorporar todas as realidades e traduzi-las em uma linguagem universal, capaz de potencializar o indivíduo a compreender a realidade elevando uma transformação a sua atmosfera social, com as diversas ramificações da arte e suas discussões desempenhando um papel vanguardista e impulsionador ao gênero humano. O elemento arte nunca permanece inteiramente o mesmo, pois assim como a humanidade evolui em diversos aspectos ao seu tempo, a arte também acompanha o seu curso evolutivo, mas com uma verdade permanente.

Os discípulos da arte propagam seu propósito divino no decorrer dos períodos históricos, os artistas sempre realizaram suas obras no individual, mas

com o propósito de alcançar o coletivo, exprimindo por meio do seu tempo as condições sociais que permeiam nas criações de seus trabalhos, refletindo a arte como uma realidade social. O ofício do artista está na exposição do seu empenho ao público, com a necessidade de estabelecer relações essenciais entre o indivíduo e a natureza na sociedade, alimentando o seu nível de compreensão e discernimento, portando então a responsabilidade do instituidor de artes “O homem comum é uma criação de condições sociais primitivas que produzem obras de arte compostas de institutos e instituição.” (FISCHER, 1987, p. 236).

A função primordial da arte é objetivar o sentimento de modo que possamos contemplá-los e entendê-lo. É a formulação da chamada experiências interior, da vida interior, que é impossível atingir pelo pensamento discursivo, dado que suas formas são incomensuráveis com as formas da linguagem e de todos os seus derivativos (LANGUER, 1971, p. 87).

Construímos uma ponte entre arte e artistas, e agora seguiremos esse percurso em direção à sociedade, questionando-a. A humanidade por sua vez apresenta uma relevante apreciação pelos segmentos das criações artísticas, diversas pessoas leem livros, praticam aulas de dança ou música, vão ao teatro e cinema, por quê?

Dizer que procuram distração, divertimento, e relaxação, não é resolver o problema. Por que distrai, diverte e relaxar o mergulhar nos problemas e na vida dos outros, o identificar-se com uma pintura ou música [...] um romance de uma peça ou filmes? [...] por que a nossa própria existência não basta? (FISCHER, 1987, p. 12).

Por que gostamos de mergulhar em outras existências? Buscar respostas em outras realidades? O que transmite essa atenção tão singular e ao mesmo tempo tão plural que prendem a esse misterioso meio fictício? E por que existe esse desejo de completar a vida com outras formas e figuras?

Todo indivíduo quer relacionar-se com algo fora do seu “Eu”, algo do exterior em virtude da máxima aproximação da plenitude, que vai em direção a uma busca da sua totalidade. O simples ato de identificar-se não basta para responder todos os questionamentos, é preciso orientar-se em um rumo de verdadeiros significados que: “Anseia por unir a arte no seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade (FISCHER, 1987, p. 13)”. Em todos os momentos de todos os lugares existem poesias, basta estar sujeito ao sensível para enxergar que a arte é o caminho mais íntegro para unir o indivíduo ao todo.

Entendemos que a arte foi, é e sempre será inerente à sociedade. “Enquanto a própria humanidade não morrer a arte não morrerá.” (FISCHER, 1987, p. 254). Após a afirmativa de Fischer, procuramos identificar quais são os recursos utilizados hoje para obter essa aproximação entre arte e público. Os canais de transmissões mais recorrentes são as mídias sociais, televisivas, audiovisuais e impressas, porém como portadores das informações, os diversos conteúdos são repassados a partir de outro ponto de vista programado e já estabelecido, estereotipando e distorcendo a visão da arte que chega a população, esse conceito já estudado é intitulado como indústria cultural, tema que discutiremos.

Tal distorção dos objetivos artísticos é o primeiro ponto disruptivo nesse percurso, esse processo distancia a arte como um fator primordial ao desenvolvimento social, que dificulta a compreensão das relações artísticas e o quão estão presentes no cotidiano. Esse afastamento causa um desequilíbrio social, a ponto de negar a sua importância em diversos ambientes que, com o tempo, está desmoralizando sua integridade. “A arte vai mal das pernas, foi superada pela ciência, e pela tecnologia. Numa época na qual a espécie humana já pode voar à lua, ainda haverá necessidade de poetas fazendo da lua temas de suas canções” (FISCHER, 1987, p. 246).

Esse espaço causado demonstra o vazio que cada vez mais caminha por um deslocamento do equilíbrio social tornando-o deficiente se-

gundo o pintor Piet C. Mondrian (1872-1944). Entendemos que o conceito de equilíbrio se dá quando ambas as partes de um todo têm o mesmo peso ou a mesma medida, só então nos encontramos no centro do equilíbrio, entretanto no momento atual a arte está em desvantagens causando então o desequilíbrio na sociedade contemporânea brasileira, que perturbam as relações entre os indivíduos e o mundo exterior.

Essa dessocialização com o mundo exterior aborda assuntos que deslocam a arte das civilizações, causando um suposto abandono do seu estado autêntico que avança cada vez mais a uma superficialidade dos conteúdos, que são produzidos em virtude apenas da lucratividade do capital.

O capitalismo não é, em sua essência, uma força social propícia à arte, disposta a promover a arte. Na medida em que o capitalista necessita da arte de algum modo, precisa dela como um bom embelezamento de sua vida privada ou apenas como um bom investimento (FISCHER, 1987, p. 61).

A partir dessa premissa podemos estabelecer um conceito que aqui vamos chamar de a “Síndrome da sacola cheia”, esse termo ocorre quando o público tem a sensação satisfatória do seu capital investido em determinado produto. Como exemplo apresentamos duas produções teatrais, uma tem grandes efeitos, um elenco numeroso, adereços, figurinos e grandes cenários, mas o conteúdo do espetáculo não fez com o que o público busque a reflexão, pois os conflitos eram óbvios e pré-programados ou até então já vistos diversas vezes em outros canais de comunicação, então as sacolas estavam cheias, mesmo que os produtos não acrescentem ao desenvolvimento reflexivo do consumidor, mas o valor alto investido o satisfaz pela quantidade elementos e não qualidade dos ensinamentos. Em outro caso o consumidor paga o mesmo valor, mas dessa vez ele irá ver um monólogo cuja dramaturgia só exija um ator/Atriz vestido de preto e uma cadeira em cena, realizados

em uma sala experimental, embora o conteúdo seja excelente instigando a reflexão e o senso crítico, a sacola voltou com pouco volume devido a ausência dos efeitos grandiosos, e a insatisfação de voltar com poucos produtos na sacola faz com o que o capital investido não tenha sido bem gasto. Mesmo que não seja uma regra, são poucas essas exceções.

Todos esses fatores colocam a arte em outros posicionamentos sociais que desvalorizam sua necessidade para as massas, e que a faça ser contemplada apenas por poucos apreciadores que, não só consomem o rebotalho produzido pela indústria do entretenimento, como também a arte em sua essência.

Toda grande revolução é uma síntese explosiva, mas está sempre sujeita a distúrbios, perturbações no equilíbrio dinâmico, e novas sínteses vão se tornando necessárias para o restabelecimento desse equilíbrio em condições que se transformam (FISCHER, 1987 p. 238).

Sobre a visão, razão e função de ser Arte

Poderá a função da arte ser resumida de uma única maneira, suprimindo ela diversas necessidades? Observando suas origens, será que essa mesma função permanece inteiramente a mesma, ou se modificou e outras funções passaram a ser necessárias?

Com base na convicção de que a arte sempre será necessária dentro e fora do âmbito social, neste momento pretende-se compreender a arte na visão de diversos pensadores, que escreveram sobre os impactos da arte e seus ofícios na sociedade, na tentativa de desfragmentar seus anseios e virtudes. A princípio o filósofo grego Platão em 308 a.C. expôs seu ponto de vista da seguinte forma:

“Geralmente, uma arte exige certa virtude — como os olhos a visão ou as orelhas a audição, pelo fato de que estes órgãos necessitam de uma arte que examine e lhes proporcione a vantagem de ver e ouvir? E

nessa mesma arte existe algum defeito? Cada arte exige outra arte que examine o que lhe é vantajoso, e esta, por sua vez, outra semelhante, e assim até ao infinito? Ou eximi ela própria o que lhe é vantajoso? Ou não precisa nem dela própria nem de outra para remediar a sua imperfeição? Pois nenhuma arte apresenta defeito ou imperfeição e não deve procurar outra vantagem exceto a do indivíduo a que se aplica: ela própria, quando verdadeira, está isenta de mal e é pura enquanto se mantiver rigorosa e totalmente de acordo com a sua natureza (PLATÃO, 308 a.C. p. 31).

Uma das principais interpretações da arte consiste na criação de uma linguagem sem fronteiras, ela mantém-se firme em seu exercício de fortalecer um senso crítico na sociedade e formular novas maneiras de pensar e questionar em prol das imposições do seu tempo, e com isso ser capaz de evoluir a uma nova geração. O escritor irlandês Oscar Wilde (1850-1900) afirmou: “Só o espírito crítico é criador (WILDE, O. apud BASTIDE, 1971 p. 72)”, então é fundamental exercitar o estado reflexivo para a criação de novas originalidades.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) afirmou: “A arte é o grande estimulante da vida: como se poderia chamá-la sem finalidade, sem objetivo e como poderia chamá-la de arte pela arte” (NIETZSCHE, 1889 p. 68), interpretando este pensamento, a arte é inerente à vida, logo ela não está presente apenas para exercer suas próprias vontades e sim para abrir portas fechadas, mostrando novas realidades a uma nova síntese libertária ao gênero humano.

A magia da arte está no processo que possibilita novas realidades e como transformá-las, essa capacidade segundo Ernst Fischer: “Da mesma forma a função permanente da arte é recriar para a experiência de cada indivíduo a plenitude daquilo que ele não é, isto é a experiência da humanidade em geral (FISCHER, 1987 p. 252)”.

A arte atua com o tempo seguindo suas necessidades, ela encena seus momentos e ambientes, re-

tratando as evoluções sociais por meio das próprias atividades que desenvolve a sua volta o sentimento de liberdade, e essa questão refere-se como o social possui raízes na arte, ao ponto que essa junção penetra até nos aspectos mais difíceis e obscuros da sociologia. A razão de ser arte está na liberdade e expressão, tanto no individual quanto no coletivo, ela também pode se manifestar num ato de protesto ao potencializar-se em uma arte política, expressando as vontades, verdades e revoltas das classes insatisfeitas com as imposições postas em um determinado cenário.

Mas, se quando a arte passar da sociedade ao indivíduo é uma regulamentação do entusiasmo, quando passa do indivíduo à sociedade é, ao contrário, uma exaltação das forças psíquicas, e aqui vamos encontrar a influência da arte sobre a vida política [...] é a revolução que descarrega as forças que a arte acumula (BASTIDE, 1971, p.190).

Em primeira instância, o criador contemporâneo tem vontades conscientes de inovação, algo que o estimule o inédito instigante de transmitir sua visão de mundo. Os artistas tomam parte da vida social e determinam os formatos das suas obras, que são atraídas pelos impulsos emocionais. “Mas ele é, antes de tudo habitante do mundo, das formas onde vive mergulhado, onde até certo ponto é o Deus criador... porém o mundo que ele moldou com suas mãos, também o moldou” (BASTIDE, 1971 p.29 \ 30).

Partindo da citação acima entraremos na questão que a sociedade sempre utilizou da arte como um recurso, exercendo suas influências sobre as funções sociais de acordo com seu tempo. Traremos como exemplos fatos históricos que demonstram que a arte resistiu a sua sobrevivência nas diversas catástrofes mundiais como: guerras, ditaduras, revoluções e pandemias, acontecimentos esses em que os indivíduos precisaram de resguardo, e consumiram da arte dentro as possíveis condições, outros se utilizaram desses fatores ocorridos, temas de suas obras.

Conforme as pessoas vão buscando abrigos tende-se a aumentar os conteúdos artísticos consumíveis em casa, que segundo Thomas Mann (1875-1955) um dos maiores romancistas do século XX: “São Meios alternantes desenvolvidos de produção artística que permitirão ao “público” concretizar-se em indivíduos, cada um dos quais familiarizará com a arte em sua própria casa e a seu modo (MANN, apud FISCHER, 1987 p 249)”.

Nota-se o quanto a sociologia usufrui da arte, quando neste período os indivíduos necessitam dela para identificar-se com algo além da sua realidade atual, pois ela servirá sempre como um estímulo da vida. O anseio pela obra de arte que seja capaz de aprofundar a unidade do sujeito com o mundo e consigo mesmo, o fato está na identificação da população com a vontade de algo que possibilite a liberdade individual por meio de outros caminhos uma vez que ele mesmo não possa ir atrás da própria libertação.

A arte como meio de identificação do homem com a natureza, com os outros homens e com o mundo [...] O processo de identificação originalmente atingia apenas uma reduzida categoria de seres e fenômenos naturais, mas já se estendeu para além do mero reconhecimento dessa categoria de seres e fenômenos naturais e se encaminham para uma forma superior de união do homem a toda a humanidade e ao mundo em geral (MANN, T apud FISCHER, E. 1987 pág 253).

Trazendo um pensamento mais contemporâneo que contemple a realidade atual proposta nesta pesquisa, apontamos o texto “Quarentena – Parte 3 – Fio de Ariadne” publicado pela atriz e dramaturga brasileira Paula Giannini em seu blog “Os Imaginários”, nele a autora aborda a dificuldade de adaptação dos artistas nos períodos das catástrofes e apresenta alguns questionamentos em relação a arte, relevantes ao presente artigo: “Onde ela está? Onde foi? Será que existe? Será que há ou haverá algum aceno de ação concreta para as artes brasileiras nesse

período tão duro? (GIANNINI, 2020)”. Então percebemos que a arte modificou suas funções de acordo com o seu tempo, embora o seu propósito social ainda permaneça com o mesmo objetivo, a busca da genialidade em encontro do seu equilíbrio social.

A indústria cultural e a desvalorização das classes artísticas

Em 1923 no período entre guerras, pesquisadores da Alemanha uniram-se para criar um novo instituto filantrópico voltado a pesquisa social, a famosa escola de Frankfurt, dentro dela havia dois membros fundamentais, os filósofos e sociólogos Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor L. W. Adorno (1903-1969), que juntos desenvolveram inúmeros conceitos sociais dentro da obra a “Dialética do esclarecimento” e que compõem as referências bibliográficas presentes neste trabalho, ao tratarmos do termo Indústria cultural.

As características deste termo visam à produção em massa da indústria de cultura, que tem por objetivo alcançar o maior número de grupos sociais em larga escala, produzindo a mercantilização de bens culturais, ou seja, quando um produto criado é voltado a um determinado grupo específico, e o objetivo dos produtores é potencializar a força do seu material e expandir o seu alcance até que se estenda às demais camadas sociais, elevando essa cultura do micro ao macrocosmo massificando toda uma sociedade.

Outro produto comum que é utilizado pela indústria é a mídia cultural. Com o intuito de promover o entretenimento televisivo, cinematográfico, audiovisual, shows e grandes produções cênicas, vendendo esses produtos de forma positiva. Portanto, fazendo uma rápida análise no dicionário online de português (<https://www.dicio.com.br>), o breve significado da palavra entretenimento se dá por: Ato ou efeito de entreter-se e distrair-se. Seguindo esse posicionamento de distrair não restam espaços para as reflexões ou questionamentos, se o indivíduo está sendo desviado a prestar a aten-

ção nos mesmos começos, meios e fins, objetivos esses obviamente programados que são refletidos automaticamente a não construção e compreensão do senso crítico social, sujeitando-os a alienação, enquanto o foco está sendo voltado a obtenção dos lucros dessas indústrias de entretenimentos.

A televisão visa uma síntese do rádio e do cinema, que é retardada enquanto os interessados não se opõem de acordo, mas cujas possibilidades ilimitadas prometem aumentar o empobrecimento dos materiais estéticos a tal ponto que a identidade mal disfarçada dos produtos da indústria cultural pode vir a triunfar. (ADORNO, e HORKHEIMER, 1947 p. 58).

O excesso consumido por essas camadas criam no sujeito a estética do consumidor, que pré-determina seus gostos ao mesmo produto cultural, reverberando em outro conceito conhecido como a “mais valia” da arte como mercadoria, que quantifica o sustento do capitalismo que tudo produz em prol do aumento dos lucros, gostos esses que hoje se encontra nas grandes produções que recebem os maiores investimentos de capital e as principais leis de fomento a cultura, favorecendo na maioria das vezes os mesmos produtores e seus grupos artísticos, grupos esses com grandes “renomes” nesse mercado cultural.

Com o aumento do capital investido e a logística estruturada para reverter tais investimos que tem mais valor, multiplicando os rendimentos que alimentam uma ideologia dominante afetando diretamente as classes artísticas, que conservam a seguinte visão “A indústria cultural permanece como a indústria da diversão (ADORNO, e HORKHEIMER, 1947 p. 64)”.

As classes artísticas que estão inseridas profissionalmente nas estruturas da indústria cultural possuem um fator que segundo Ernst Fischer: “O artista foi transformado em um produtor de mercadorias (1987, p. 59)”. Eles obtêm as vantagens financeiras por trabalhar em grandes produções,

que prolonga a imortalidade de alguns programas para aumentar o tempo hábil da lucratividade dessa mercadoria. Contando também com outro fator importante, a criação de novas celebridades - ídolos da população que fazem parte desse sistema de publicidade e propaganda que tende a gerar um aumento das vendas por conta da influência que apresentam ao produto.

Os artistas que por alguma razão não se encontram dentro do mercado cultural, precisam lidar com inúmeros fatores para conseguir representar sua arte de forma autêntica, pois ela lida diretamente com a reflexão, principalmente quando eles exercem o seu formato autotélico¹, que desenvolve o senso crítico e o questionamento social, “O livre resultado do trabalho artístico resulta na maestria (FISCHER, 1987 p. 14)”.

O principal fator negativo que o artista independente enfrenta nesta sociedade contemporânea, é a dificuldade de tornar suas obras vistas e remuneradas por uma quantidade satisfatória de espectadores, para contemplar a renda e a visibilidade do criador perante a mão de obra e os materiais utilizados.

A importância do público será sempre melhor compreendida se nos lembrarmos que o artista deve viver como todo mundo, e ele vive de sua arte. Precisa, portanto, agradar aqueles que lhe podem oferecer o dinheiro necessário à sua existência [...] Mas a situação piorou, pois o que o artista fornece apenas a mão-de-obra; é necessário ainda o capital para a impressão do livro, para a montagem da peça ou do cenário e para a aquisição das cores. (BASTIDE, 1971 p. 74 e 75)

Os bons trabalhos artísticos podem estar em todos os lugares, nos fundos de uma casa na periferia do interior ou nas grandes galerias, e o grau de competência dado a elas é que pode determinar ou não o seu valor, mas para isso é necessário a visibilidade social que possa opinar e participar dessa ação. Inúmeros criadores passam pela dificuldade

de conseguir atingir o grande público com a sua criação, por mais subjetiva que seja a obra, o artista trabalha em prol da sociedade, e por esse ponto que o profissional de arte depende da sociologia para gerar a oferta e a demanda.

Se tratando de público, é mais fácil entreter do que fazer pensar de forma crítica, uma vez que o gosto popular já esteja generalizado aos conteúdos que não busque a reflexão, esse pensamento atinge diretamente o artista independente que busca o próprio sustento por meio da sua arte, que diversas vezes não cobre as despesas. Estas dificuldades se propagam no mercado de trabalho e pela falta de atividades direcionadas às áreas artísticas, forçando-os a buscar remuneração nos atuais *Jobs*², que não proporcionam uma renda equivalente ao trabalho realizado, propiciando outra vez uma mais valia artística. Esse fator tem um declínio maior quando esses artistas que investiram todo seu tempo e dinheiro para a sua formação profissional, e não encontram trabalhos em suas respectivas áreas, precisando buscar em outros ofícios a sustentabilidade, porém tem a opção de recusar-se estar à venda e permanecer com os seus valores tentando sobreviver da sua arte num sistema opressor as artes.

Esse movimento de seccionamento artístico é contrabalançado por três ordens de fato que lhe retardam a marcha: 1-) a dificuldade cada vez maior de viver à custa da própria arte, que obriga o artista a possuir um segundo ofício: Mallarmé era professor de inglês; 2-) o gosto do amadorismo, que repousa na ideia que a aquele que tem uma alma de artista deve em tudo ser artista – Ingres tocava violino; 3-) enfim, o sentimento de uma certa amargura artística que desperta, como consequência, a nostalgia de uma arte de síntese. (BASTIDE, 1971p. 81).

Embora muitos séculos tenham se passado, a desmoralização do ser artista perpetua até a atualidade, chegando enfim na base do texto mostrando que

os pensamentos e opiniões sociais oprimem as carreiras artísticas apontando aos demais indivíduos a tribulação da auto sustentação financeira, e essa visão causa uma ruptura direcionada aos futuros “frutos” da arte. “A divisão do trabalho isola os ofícios da arte como um ofício especial, bem distinto dos outros (BASTIDE, 1971 p. 81)”.

A partir deste ponto chegamos aos dias atuais e propomos uma posição reflexiva, questionando quais serão os futuros caminhos hipotéticos da arte. Qual finalidade terá a arte nas eras futuras, quando alcançarem as altíssimas produções desenvolvidas para o consumo ilimitado, e a total automatização das máquinas mais eficientes tornando-se cada vez mais perfeitas, em qual classe social pertencerá à arte? O que nesta situação hipotética é ímpeto, vale ressaltar que antes era razão, por mais que tenha sido dito aqui, que a função da arte é desenvolver a sociedade a lidar com um incompreensível mundo por meio de inúmeras ramificações artísticas, contribuindo para uma vida mais aceita e tornando-os mais humanos, porém que acontecerá quando a humanidade desequilibrada continuar negando a arte?

Tenderá a arte e seus frutos divorciar-se das ideias sociais, e cansar-se da desesperada alienação do sujeito egoísta que não se cansa de transformar a atual realidade num falso mito embriagado? Terá ela tal passividade para submeter-se a meros caprichos sociais, se sujeitando apenas aos entretenimentos e propagandas? Essa negligência dada como um suposto castigo a arte, só refletirá na sociedade que pressupõe certa passividade mental ou uma aceitação do sonho pela ação. “Só com imensa dificuldade podemos imaginar como será semelhante arte; e a nossa visão dela, de resto, pode conter inúmeros erros (FISCHER, 1987 p. 248)”.

Por mais que todas as tendências ocorram para que o mundo capitalista se perpetue, e a relação entre arte e humanidade se afaste por conta dos indivíduos em sua incessante busca pelo consumo, e a mão de obra do trabalho seja mesmo substituída pelas máquinas eficientes e o homem não venha mais possuir a função útil do sistema, só haverá uma coisa capaz

de distinguir à utilização das máquinas as funções humanas.

Numa sociedade em decadência, a arte, para ser verdadeira, precisa refletir também a decadência. Mas, a menos que ela queira ser infiel à sua função social, ela precisa mostrar ao mundo como passível de ser mudado. E ajudar a muda-lo. (FISCHER, 1897, p. 58)

Os questionamentos apresentados destinam-se a uma sociedade sem equilíbrio que nega a arte enquanto necessidade para o indivíduo e o seu coletivo. Perguntas do gênero são provocadas pela ingênua esperança de que tal sociedade em seu desenvolvimento alcance um dia à meta final, a autenticidade universal. Enquanto isso a arte não morrerá, pois ela existe porque a vida por si só, não basta.

Conclusão

A presente pesquisa conclui que o estado de equilíbrio social entra em contradição quando a humanidade nega a arte como um fator transformador e de extrema importância, afirmando que ao desassociar a arte da sociedade o mesmo estado de equilíbrio não possui a mesma medida em comparação a outros elementos constituintes para uma existência digna, e tal negação desequilibra o indivíduo e se prolifera até o macrocosmo. Dado o contexto da arte e seu ofício desenvolvedor nas questões sociais que afirma que ela sempre acompanhou os estágios da humanidade e suas evoluções, e por séculos as sociedades usufruíram dos frutos artísticos ora como um modo de florescer o indivíduo, ora como uma ferramenta de manipulação das massas e ambos os pontos foram e continuam sendo utilizados até os dias atuais.

Esta pesquisa foi motivada pela participação dos pesquisadores na 19ª edição do Congresso Nacional de Iniciação Científica (Conic-Semesp) em 2019, com o artigo de *“Dança-teatro nova metodologia para atores compositores”* na categoria

Ciências Humanas e Sociais, sub área de Artes Cênicas. Nesta edição citada foram inscritos 1.947 trabalhos de pesquisa, ao final das apresentações a organização do Congresso divulgou um *“ranking”* com os vinte melhores artigos em cada categoria. Nas Ciências Humanas e Sociais não haviam participantes com pesquisa sobre arte entre os selecionados como melhores trabalhos. Analisando a edição de 2018, também não foi encontrado nenhum artigo voltado à área artística entre os indicados como melhores iniciações científicas. Esse evento provocou uma reflexão: o quanto a arte está sendo valorizada nos diversos ambientes, principalmente nos que são de caráter acadêmico?

O incentivo a pesquisa precisa acontecer em todas as áreas, e mais urgentemente nas artes, uma vez que a ciência artística não se torna palpável ou não pareça ter inúmeras relevâncias comparado às outras áreas de pesquisa, não significa que o seu propósito não tenha o fator primordial ao gênero humano e seu longo anseio pela plenitude. Tais questões tomaram relevância neste artigo ao dialogarem com Ernest Fischer e Roger Bastide que desenvolveram seus temas por meio da pesquisa da arte na sociedade. Todos os aspectos foram apresentados com o intuito de equiparar a arte, explorando sua função libertária e expressiva, mas se a sociedade contemporânea insiste em aplicar uma força depreciadora no ofício artístico, ela certamente está em decadência com o seu equilíbrio social. Quando os questionamentos forem finalmente respondidos tornará a sociedade mais equilibrada a perceber a necessidade da arte?

Referências

- ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. **A dialética do Esclarecimento**: Disponível em < www.portaluol.com.br> Acesso em 18 de abril de 2020.
- ARTHMAR, R. **Voltaire e a visão Iluminista do progresso**, Universidade do Espírito Santo. Setembro-Dezembro 2012.
- BASTIDE, R. **Arte e sociedade**. São Paulo, Ed: da USP, 1971.
- BIESDORF, R. K. e WANDSCHEER M. F. Arte, uma necessidade humana: Função social e educativa. **Revista Eletrônica do curso de Pedagogia da UFG** V. 2 n. 11, de 2011.
- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro Ed: Guanabara tradução Leandro Konder 1987.
- GIANNINI, P. Quarentena – Parte 3 – Fio de Ariadne. Disponível em <<https://osimaginarios.wordpress.com/>> Acesso em 12 de maio de 2020.
- LANGER, S. **Ensaio filosófico**. São Paulo, Ed: Cultrix, tradução Jamir Martins, 1962
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo. Lafonte, 2018.
- PLATÃO. **A república**. Ed: Independente 308 a.C. 1ª Edição.
- READ, H. **O sentido da arte**. São Paulo. IBRASA, 1972.

Notas

- 1 Que não possui propósito ou finalidade para além de si mesmo; cujo significado existe somente para si mesmo, sem uma necessidade específica: arte pela arte. (<https://www.dicio.com.br/autotelico>).
- 2 *Job* é um substantivo masculino da língua inglesa. O significado de *Job* é emprego, traduzindo-se ao português. Como substantivo, nesse caso, *job* remete a uma posição remunerada de um emprego regular, ou seja, é um modo de se referir a uma ocupação, cargo ou posição. (<https://www.meusdicionarios.com.br/job>)